



Pastoral da Juventude Estudantil



Pastoral da Juventude do Meio Popular



REDE
BRASILEIRA DE
INSTITUTOS DE
Juventude



Casa da Juventude
Padre Burnier



SEMANA DO ESTUDANTE





SEMANA DO ESTUDANTE

8 a 14 de agosto de 2011

Equipe de produção:

Casa da Juventude Pe. Burnier

Alessandra Miranda de Souza, Erika Pereira dos Santos, João Paulo Pucinelli, Lourival Rodrigues da Silva, Luís Duarte Vieira, Maria Aurora Neta

Revisão:

Lourival Rodrigues da Silva, Maria Aurora Neta, Monique Benevent, Sarah Oliveira, Ana Marcela Terra, Francisco Antonio Crisóstomo de Oliveira, Eric de Sousa, Antonio Josiel Ferreira, Francigerle Mesquita, Luciana Pinto, Raquel Pulita Andrade Silva, Joaquim Alberto Andrade Silva

Realização:

Comissão Episcopal para a Juventude - Setor Juventude da CNBB; Pastoral da Juventude; Pastoral da Juventude Estudantil; Pastoral da Juventude Rural, Pastoral da Juventude do Meio Popular

Em todo Brasil, no dia 11 de agosto, comemora-se o dia do/a estudante e para que os diferentes grupos de jovens, que se reúnem nos diversos espaços em que são presença, possam refletir e comemorar este dia, desde 2003, tem sido feita a SEMANA DO/A ESTUDANTE. Essa semana objetiva provocar movimentos e oportunizar que os/as jovens se preparem para viver com maior envolvimento esta data. Assim, este subsídio propõe a realização de três encontros e uma celebração. Traz algumas dicas de como preparar a semana, para que os/as jovens discutam as temáticas propostas acerca do mundo juvenil, bem como rezem e cantem a juventude que existe em cada um/a. Por isso, os encontros tornam-se momentos de diálogo e partilha dos jovens com o mundo e do mundo com os jovens.

Cada ano, a SEMANA DO/A ESTUDANTE põe em evidência uma realidade e discute seus diferentes aspectos. Daí, que já foram refletidos, entre outros, temas que evidenciam, sobretudo, os direitos da juventude estudantil, procurando, desse modo, dar visibilidade à juventude por meio de suas diferentes experiências.

No ano de 2011, a SEMANA DO/A ESTUDANTE traz como tema as Juventudes Negras e Indígenas e, nos convidando a refletir sobre estas juventudes como comunidades de resistência. Resistência que pode ser percebida na ação de muitos jovens negros/as e indígenas que não se deixaram/deixam influenciar pelas diferentes vozes sociais que gritam em seus ouvidos, através da televisão, das revistas, das músicas, das roupas, dos sapatos, numa tentativa de distanciá-los da preservação de sua cultura. Uma resistência que se tece no próprio dia a dia, construindo e reconstruindo as formas

próprias de viver, crer, de educar e de conceber a vida. O lema também anuncia que os tambores e cirandas são sinais de vida e a força que brota destes símbolos conduz os caminhos desta juventude, o que implica a construção de outras formas de pensar e de agir, mesmo estando imersos numa sociedade que, a todo momento, promove o desaparecimento da cultura destes/as jovens.

A SEMANA DO/A ESTUDANTE 2011 torna-se mais uma oportunidade para que possamos refletir sobre esta grande parte da nossa juventude que é invisível e, como tal, encontra-se à margem da sociedade nas suas diferentes possibilidades de participação. Estão à margem porque são excluídos/as dos diversos espaços participativos, fato que gera conflitos nos diferentes rincões do nosso país.

Convidamos, a juventude estudantil e demais organizações juvenis para a vivência desta semana, a qual está baseada na grandeza e na riqueza do povo Latino-Americano, neste momento, em particular, dos/as jovens negros/as e indígenas. Seres de multiplicidade, de mística, de uma história ancestral e que trazem marcas que não podem ser esquecidas sequer desconsideradas no tempo, pois são grupos que têm suas histórias entrelaçadas à história do nosso país e de toda a América Latina. Queremos ser jovens e olhar para a realidade, as experiências de fertilidade, solidariedade, indignação, comunicação e anúncio de nova vida e de alegria do povo negro e indígena.

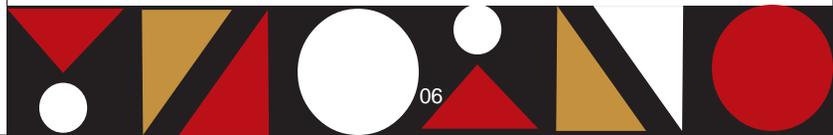
Desejamos que essa reflexão sobre a juventude negra e indígena possa provocar novos/as apaixonados/as pela causa da vida. Não ser só herdeiros, mas multiplicadores das utopias andinas, presente na "Terra sem males" tupi-guarani, na "República Negra" dos Palmares, no movimento de Canudos e do Contestado, na República Indígena Mapuche, na Civilização do Amor, sonhada e desejada pela juventude. Todas essas expressões de comunidades de resistência

das culturas, do povo negro e indígena para a história do país, contra todas as formas de exploração, preconceito, racismo, dominação e imposição de ideologias que não promovem a vida.

A juventude conserva um fundo de saudável rebeldia, pode construir uma nova mentalidade, com novas opções pela defesa da vida, forma sadia de resistência aos embates de uma cultura dominante que, a cada passo, ameaça a integridade de sua cultura e, inclusive, da própria existência humana.

A SEMANA DO/A ESTUDANTE (SdE) procura pôr em cena estas situações e procura percebê-las por meio de alguns textos, entre eles os textos bíblicos. Assim, os encontros propostos são atravessados e iluminados pela Palavra de Deus, e a SdE de 2011 traz para mediar as reflexões o texto da multiplicação dos pães, em Marcos, capítulo 6, versículos de 39 a 44. O texto bíblico iluminador desta reflexão se refere à experiência de Jesus na multiplicação dos pães. O texto é um chamado a viver a experiência da partilha em meio à nossa sociedade. Nos desafia e impulsiona a revisar nossas práticas de convivência, junto à juventude. O gesto de Jesus nos ensina a partilhar e organizar para um caminho de justiça acontece quando distribuímos de forma igualitária tudo que somos e temos. É a possibilidade da fartura, da soma, longe da lógica do acúmulo ou do desperdício.

A Semana do Estudante é alimento que nos prepara para reconhecer o/a outro/a com suas necessidades e diferenças, para o benefício de todos/as. Somos convidados/as a aprender da graça e da riqueza dos povos negros e indígenas.



HISTÓRICO DA SEMANA DO/A ESTUDANTE

A Semana do/a Estudante ocorre sempre na semana do dia 11 de agosto, que é considerado historicamente o dia do/a estudante. Desde 2003, as Pastorais da Juventude do Brasil organizam atividades a serem realizadas, em âmbito nacional, para celebrar essa data e propiciar maior engajamento dos/as estudantes no que diz respeito às problemáticas de sua escola, do mundo da educação e da sociedade. Várias foram as temáticas discutidas desde que este dia começou a ser comemorado. Abaixo, os lemas e eixos trabalhados até então:

2003

Lema: “**A beleza de ser um eterno aprendiz**”
Eixos: **Participação estudantil, cultura e lazer**

2004

Lema: “**Caminhando contra o vento, eu vou**”
Eixo: **Protagonismo estudantil, escola espaço de democracia**

2005

Lema: “**Eu quero paz. Eu quero mudança!**”
Eixo: **Protagonismo estudantil. Paz: fruto da educação e da justiça social**

2006

Lema: “**A minha escola tem gente de verdade**”
Eixo: **Protagonismo estudantil e segurança: garantia dos direitos sociais**

2007

Lema: “**Há que se cuidar da Vida!**”
Eixo: **Preservação da (bio) diversidade. Educação e participação estudantil**

2008

Lema: “**Juventude e o direito à dignidade**”
Eixo: **Identidade, participação e sentido da vida**

2009

Lema: “**Juventude em marcha contra violência**”
Eixo: **Sede de justiça, construção da paz e mobilização**

2010

Lema: **Juventude: muitas caras, muitas cores em marcha contra a violência. Cultura, nossa terra, nosso sonho**
Eixo: **Sentido de pertença, valorização e manifestação**

SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA ORGANIZAR E VIVER A SEMANA

Sugerimos aos/às jovens que forem se mobilizar para a realização da SEMANA DO/A ESTUDANTE 2011 que preparem com bastante carinho e dedicação todos os momentos que fazem parte da semana, isso para que tudo ocorra da melhor forma possível. Por isso, apresentamos algumas sugestões de atividades para serem feitas antes, durante e depois da semana, e além das que aqui são sugeridas, contamos com a criatividade de cada grupo, lembrando aos/às organizadores/as que a realidade de cada espaço ou comunidade deve ser considerada em todo decorrer da semana.

ANTES

Sensibilização para a Semana

- ◀ Fazer levantamento/mapeamento na comunidade da existência de comunidades ou pessoas descendentes indígenas, quilombolas (quem são, quantos, de onde vieram...)
- ▶ Fazer levantamento do número de estudantes negros/as e indígenas nas escolas da comunidade. Os números servirão para a construção de gráficos e murais, por meio dos quais poderão se realizar debates, mesas redondas para a discussão dos dados.
- ◀ Reconstituir, junto aos familiares, histórias de herança negra e/ou indígena. Trazer estas histórias para serem recontadas nos diferentes momentos da programação durante a semana.

- ◀ Fazer levantamento de elementos das culturas negra e indígena que estão presentes em nossa comunidade, como: nomes de pessoas, de lugares, rios, ruas... Xingu, Caiapó, Javaés, Jabaquara... Pessoas: Lara, Jussara, Jaciara, Jaci...
- ▶ Levantar palavras de origem negra e indígena que estão presentes no vocabulário da língua portuguesa, como: canjica, fubá, cuia, gamela...; na culinária...
- ◀ Divulgar na comunidade e nos bairros as atividades que acontecerão na Semana do/a Estudante: faixas na cidade, cartazes, músicas durante o recreio na escola, mural na escola, painéis...
- ◀ Motivar os jovens para perceberem que a maior parte a nossa riqueza cultural foi construída pelos negros e negras, os prédios públicos históricos, a movimentação cultural, artística, e que foram construídas e sustentadas pelas mãos e trabalho escravo.
- ▶ Montar uma tenda na rua (na porta da escola) ou em outro local público para chamar a atenção da comunidade sobre o tema.
- ◀ Exposição com elementos/símbolos que lembram estas culturas, como utensílios, objetos, fotos, instrumentos musicais... (escola, igreja, praça, na tenda...)
- ◀ Exibição de filmes que falam/mostram a realidade destes povos.

DURANTE A SEMANA

Realização dos encontros

- ▶ No decorrer dos encontros, durante a semana: manter a exposição dos símbolos, painéis, apresentação de rodas de capoeira, músicas na hora do recreio, na tenda, etc.

◀ Exibir filmes que retratam a realidade destes povos.

◀ Na escola: promover intercâmbio entre os professores de história, geografia, artes e literatura para realizar aulas conjuntas sobre estas culturas, usando, por exemplo, o debate sobre as cotas raciais e sociais; escritores que tematizam sobre os povos indígenas e negros (poetas/poesias, romances, contos, crônicas); desenhos.

DEPOIS DA SEMANA REALIZADA atividades que podem ser feitas

▶ Promover um debate na Câmara Municipal para falar da semana e apresentar a proposta da criação do conselho municipal de promoção da igualdade racial nos municípios que têm mais de 30.000 habitantes, conforme prevê o Estatuto da Igualdade Racial – lei n. 12.288. Também para apresentar a proposta de criação de lei municipal para regulamentação da comemoração do dia nacional da consciência negra (município ser responsável em manter a história deste dia e o que ele representa...). Adesão do município no Fórum Intergovernamental de Promoção da Igualdade Racial.

▶ Promover uma caminhada e/ou passeata para chamar a atenção da comunidade sobre a questão do/a negro/a e do/a índio/a, especialmente dos/as jovens.

▶ Depositar num lugar de destaque um símbolo destas culturas, como memória das mesmas.

▶ Divulgar as ações realizadas nos meios de comunicação locais.

▶ Garantir que a lei 10.639 (obrigatoriedade do ensino de história da África e das populações negras no Brasil – Lei nº 10.639/03) seja aplicada e vivida nas escolas dentro dos conteúdos ensinados nas disciplinas de Geografia, História, Artes e Literatura, de uma maneira processual e não em eventos pontuais.



DICAS IMPORTANTES

As dicas objetivam orientar os/as organizadores/as da SdE na preparação das atividades que serão realizadas. Estas são apenas algumas, usem todas que julgarem necessárias para que a semana seja um verdadeiro sucesso.

▶ Criar uma equipe para organizar a Semana do/a Estudante

▶ Envolver na preparação, organização, execução e avaliação diversos/as jovens e grupos juvenis.

▶ Sugerir aos/as organizadores/as da semana orientações que facilitem a articulação e mobilização dos grupos com os quais vão trabalhar durante a semana.

▶ Preparar, com antecedência, todos os materiais necessários para a realização dos diferentes momentos da semana, por isso envolver o maior número possível de lideranças jovens nestas atividades, distribuindo tarefas para cada um/a.

▶ Comunicar com os/as responsáveis da escola e apresentar a proposta da semana e como será o envolvimento da comunidade local.

▶ A Semana do/a Estudante é uma atividade que se realiza, prioritariamente, na escola, então, é necessário lembrar da presença de estudantes de diferentes religiões ou mesmo que não participam de igreja; grêmios, grupos de jovens de igreja, alunos/as.

- ◀ Cuidar da linguagem usada no decorrer do desenvolvimento das temáticas, torná-la o mais acessível possível; uma linguagem mais informal que oportunize a participação de todos/as, mas que garanta que os objetivos da semana sejam atingidos.
- ▶ Prever: quem serão os/as participantes? Estudantes de diferentes religiões ou mesmo quem não participa de igreja? Grêmios? Grupos de jovens de igreja? Alunos em geral?
- ◀ Onde não houver condições de realizar encontros semanais, propor um dia todo ou dois pra trabalhar a temática adaptando os encontros e reflexões.



TEXTO PARA REFLEXÃO

JUVENTUDES NEGRA E INDÍGENA

Lourival Rodrigues da Silva

María Aurora Neta



“Índio América, teus filhos: foi Tupi, foi Guarani...”

Mais de 500 anos se passaram desde a chegada dos portugueses em nossas terras. Desde então, os povos indígenas que aqui viviam e ainda vivem se constituem no entremeio de uma história que se faz entre tristezas, dores, lamentos e resistência. São mulheres, homens, crianças e jovens que se encontram diante de uma sociedade que, muitas vezes, ainda os toma como pessoas—símbolo de atraso e de não-civilização. Por causa disso, são vítimas constantes de preconceitos, bem como de violência social, cultural, econômica e política. A partir deste cenário enfatizamos os/as jovens indígenas, os/as quais sofrem de maneira muito recorrente as dores, incertezas e inseguranças de uma vida tecida em condições tão adversas.

A população jovem indígena está presente no Brasil em diferentes etnias. Segundo o documento “Política Nacional de Juventude: diretrizes e Perspectivas de 2006”, são 255 etnias com 180 línguas, e cerca de 800 mil pessoas se identificam hoje como indígenas. Dados do IBGE (Censo de 2000), apontaram que 701.462 mil pessoas se identificaram como indígenas.

Os/as jovens indígenas sentem o desafio de manter seus costumes, crenças, histórias, danças, cantos, ritos, festas e o seu modo de estar no mundo, especialmente, em meio ao crescente referencial de urbanização que tem chegado em todos os cantos do país.

No modo como a sociedade não-indígena tem se organizado e se apresentado à população, não há espaço para o desenvolvimento de outros povos, porque ela não reconhece ou tem dificuldade de reconhecer a presença de diferentes culturas que vivem em solo brasileiro. No que se refere à juventude, isto é visível, basta que prestemos atenção, por exemplo, às propagandas de produtos feitos para os/as jovens: tudo o que é mostrado direciona-se a jovens

brancos e com perfil bem definido, não há referência alguma a outros grupos de jovens, como os/as jovens índios/as, assim, há um completo apagamento destes/as, ficando-se com a impressão que no Brasil só existem jovens brancos/as e ainda mais, que estes/as não trazem em suas raízes nenhum sinal ou traço que os identifiquem com os povos indígenas. Pode-se perceber que a ideia de uma superioridade cultural ainda está presente no Brasil.

O que colocamos pode ser exemplificado lembrando o assassinato, em Brasília, do jovem índio Galdino. Um crime cometido por jovens não-índios, de classe média alta que ao verem uma pessoa dormindo num ponto de ônibus lhe atearam fogo. Atearam fogo e mataram um jovem índio e, assim como Galdino, muitos outros/as jovens indígenas vêm sofrendo, ao longo do tempo, diferentes formas de violência.

Além disso, muitas outras demandas envolvem os/as jovens indígenas, dentre estas estão a falta de acesso a educação, o enfrentamento às doenças sexualmente transmissíveis, a violência, o frágil preparo para competir no mercado de trabalho. Também faltam a estes alternativas de lazer e perspectivas de futuro. Junta-se a isso a questão da não demarcação das terras, o aumento dos atingidos por barragens e a monocultura, fatores que muito contribuem para que estes povos não tenham condições dignas de vida.

Tanto a juventude negra como a indígena se encontram como gerações marcadas por situações de invisibilidade e vulnerabilidade econômica e social. São duas vezes mais alvos e vítimas de preconceito e discriminação. Na maioria das vezes, essas situações de violência se encontram na dificuldade dos/as próprios/as jovens em reconhecerem que a diversidade é uma riqueza e que é possível aprender juntos/as, por isso somos convidados/as a garantir os modos de ser e viver das juventudes indígena e negra.

São necessárias políticas de atenção à juventude indígena dentro das aldeias, com políticas públicas que atendam aos interesses dos/as jovens indígenas, com o aumento da oferta de educação e professores, melhoria no atendimento médico direto nas aldeias. Há necessidade de investir no protagonismo dos/as jovens indígenas com projetos e ações embasados em políticas que os/as reconheçam, os tornem atores sociais, culturais e economicamente ativos.

O lugar da juventude indígena nas aldeias precisa ser valorizado de forma que esta encontre espaços na organização da vida social indígena, de maneira a garantir o protagonismo juvenil, dando novo lugar ao papel social da juventude indígena.

No que tange, então, às comunidades indígenas, especialmente, à juventude é tarefa nossa transmitir às novas gerações o significado de pertencer a outra cultura, da importância de preservá-la e mantê-la viva, como fonte de vida.

“Negro entoou um canto...”

Assim como várias questões que envolvem os povos indígenas têm sido pauta de discussão de diferentes grupos sociais, o desrespeito à dignidade humana dos/as negros/as no Brasil também tem sido discutido de forma constante, no entanto, ainda percebemos que estes/as sofrem as consequências de uma sociedade que demonstra, por diferentes meios, o preconceito racial. Demonstrações que geram discriminações no mercado de trabalho, no acesso aos direitos como saúde, educação, transporte, moradia.

Situações como estas evidenciam que muitos/as brasileiros/as parecem não se enxergar herdeiros/as destes povos e muitas vezes negam sua ascendência africana. O Brasil é um dos países que

apresenta um número significativo de negros/as em seu território e também tem para com eles/elas uma grande dívida social, uma vez que muitos destes povos encontram-se em situação de extrema pobreza, consequência entre outras coisas, de uma sociedade que ao longo dos tempos tem discriminado e criminalizado o/a negro/a. Fato que gerou e tem gerado uma série de conflitos e enfrentamentos do povo negro. E, nesse sentido, nosso país ainda não conseguiu dar grandes passos e a escravidão imposta ao povo negro, durante séculos, repercute até os dias de hoje.

Outro que pesa é que vivemos um sistema social que incute em nosso pensamento de que os/as negros/as não assumem sua negritude. Enquanto que na verdade há um padrão ideal tanto social, econômico como cultural estabelecido do branco, como poder, lugar e condição. Desse modo, destacamos os/as jovens negros/as que, muitas vezes, por força das circunstâncias, às quais lhes são impostas, acabam por sucumbir aos ditames desta sociedade que insiste em emoldurar a todos/as de uma mesma forma.

Uma grande parcela da população brasileira é constituída por jovens negras e negros. É uma juventude de potencial em desenvolvimento, mas estes e estas também são as maiores vítimas do racismo, da discriminação. Além de estarem invisibilizados socialmente tornam-se vítimas das desconfianças da sociedade pela questão da cor, da moradia e da faixa etária.

Os/as jovens negros/as têm menos possibilidades que a maioria dos/as jovens brancos/as, pois estão em desvantagens cumulativas e concorrem de forma desigual por vagas, e ainda têm que buscar instrumentos para recuperar os limites culturais e educativos que não tiveram acesso em sua trajetória de vida.

A escola ainda revela uma desigualdade no que se refere ao acesso e conclusão da formação para a população jovem negra e indígena. Só

recentemente a questão da negritude tem se apresentado nos parâmetros curriculares. O acesso dos jovens indígenas é inferior ao da juventude negra e branca. E para o povo negro chegar à faculdade é um desafio pelas oportunidades de acesso. Mesmo diante deste quadro a juventude das zonas urbanas tem mais chances de entrar na universidade que os jovens indígenas, camponeses, ribeirinhos...

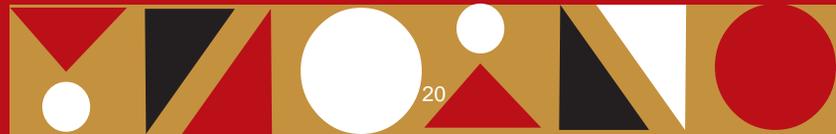
Há quem pense que o acesso a formação é um benefício pessoal. Daí o lugar das organizações políticas, sociais e comunitárias dos povos indígenas e negros para que esse direito não seja algo entendido como ajuda aos “coitadinhos” ou sem estarem voltadas para suas questões de benefício e consumo pessoal, resultando assim numa subjetividade dominante, que reproduz as elites e lugares sociais.

Enquanto o Estado não consegue criar condições objetivas para que todos/as possam ter a educação e profissionalização como garantia de cidadania e projetos de vida. Por isso a sociedade organizada pressiona o Estado para a criar políticas compensatórias que possibilitem mudar esse quadro. Nesse sentido, as políticas de cotas são respostas iniciais para transformar essa realidade desigual.

A juventude negra é a principal vítima do desemprego, assassinatos e violências. Os jovens negros, sobretudo do sexo masculino, são duplamente alvo deste sistema de extermínio. Violência, racismo e pobreza são três fatos que, infelizmente, fazem frente na vida da juventude negra e indígena. Essa conjuntura faz com que as oportunidades oferecidas à juventude sejam na lógica da subalternização e informalidade. Quando não é criminalizada pelo medo, opressão e pela falta de oportunidade.

Mas não bastam oportunidades iguais de acesso. É necessário criar e operacionalizar políticas públicas e sociais que aumentem a qualidade de vida. Bem como, criar instrumento para a promoção da igualdade social e da democracia, formando cidadãos/ãs críticos/as e conscientes dos seus direitos.

Somos convidados/as a dar o primeiro passo, a entrar no lugar do/a outro/a, a sentir no nosso corpo como é estar neste lugar. O reconhecimento da diferença é a nossa maior possibilidade de crescimento, de riqueza. Criar grupos de estudo, reflexão e a participação na mobilização social. Você pode fazer isso valorizando e resgatando as manifestações culturais negras e indígenas. Fortalecendo a articulação dos movimentos sociais e a proposição de políticas para inclusão, cultura de paz e para a promoção de oportunidades objetivas de escolarização, trabalho, cultura, lazer e trocas de saberes.





JUVENTUDE NEGRA:
LUTAS,
RESISTÊNCIAS
E CONQUISTAS.

OBJETIVO

Refletir sobre a condição de ser jovem negro/a no Brasil, suas lutas, resistências e conquistas nos espaços vitais da sociedade.

MATERIAIS

Cartaz da Semana do/a Estudante, panos coloridos, fotos de mulheres e homens negros, três desenhos coloridos de flores de papel para colocar nos cabelos, flores para acolhida, som, tambores e Bíblia. CD com a música: Olhos Coloridos – Sandra de Sá.

AMBIENTAÇÃO

Dispor pelo ambiente as imagens de jovens, mulheres e homens negros/as. No centro, arrumar com os panos coloridos o cartaz da Semana do/a Estudante e a Bíblia (colocar outros elementos, conforme o costume do grupo). Em lugar visível, colocar os três desenhos de cabelo de mulheres negras. Se possível, colocar elementos e símbolos da cultura afro.

ACOLHIDA

Na entrada, uma jovem e um jovem, vestidos com roupas brancas, acolhem os/as participantes dizendo: “Sejam bem vindos/as”. Entregam uma flor, dizendo “Axé”. Quando todos/as tiverem chegado, cantar ou declamar:

“Tá caindo fulô, ê, tá caindo fulô
Tá caindo fulô, ê, tá caindo fulô
Lá do céu cá na terra, ê tá caindo fulô”

(dançar ao som de tambores e jogando as flores, em clima de alegria e festa).

Em seguida, uma pessoa declama o texto:

“Tenho no rosto a marca do passado.
No corpo, a resistência que me domina...
Tenho a presença negra que alegra o espaço,
Eu gosto da minha pele preta, preta e tão bonita!
Gosto do meu cabelo carapinha que me faz sentir raiz
Gosto dos meus lábios carnudos que não se pode calar”
(Cida Araujo)

RELEMBRANDO A VIDA

Conversar sobre a proposta da Semana do/a Estudante 2011 e da importância de refletir sobre as comunidades negras e indígenas, na perspectiva da resistência que se dá na coletividade, na vivência em grupo. E que acontece nos pequenos gestos e conquistas.

Retomar o objetivo deste encontro, que propõe conversar sobre os desafios de ser jovem negro/a no Brasil, suas lutas, resistências e conquistas.

OLHANDO PARA REALIDADE

Neste momento, queremos conversar sobre a condição de ser jovem negro/a no Brasil. Queremos levantar quais são as lutas, resistências e conquistas que enxergamos no dia a dia, nas nossas práticas e que são visibilizadas pelos meios de comunicação social.

TÉCNICA/EXERCÍCIO:

lutas, resistências e conquistas

a) Organizar os/as participantes em três grupos:

O primeiro grupo irá conversar sobre as LUTAS do Povo Negro e da Juventude. Quais são? Como ocorrem? Onde? Por quê?

O segundo grupo irá conversar sobre as RESISTÊNCIAS do Povo Negro e da Juventude. Quais são? Como ocorrem? Onde elas se dão? Por quê?

O terceiro grupo irá conversar sobre as CONQUISTAS do Povo Negro e da Juventude. Quais são? Como ocorre? Quando? Onde são percebidas? Por quê?

b) No grupo, levantar as lutas, as resistências e conquistas; colocar em flores (pedaços de papel, no formato de flores) que serão colocadas em três figuras, representando cabelos de mulheres negras, que estarão expostos no ambiente do encontro.

c) Quando os grupos tiverem colocado as flores nos cabelos, quem estiver coordenando o encontro retoma a importância da valorização da identidade negra, através das representações do que é ser jovem negro/a (como no caso das mulheres negras, a representação do cabelo como forma de resistência, numa sociedade que propõe uma estética “branca” – cabelos lisos e loiros).

d) Refletir sobre as lutas, as resistências e conquistas, a partir das falas do grupo. Caso seja necessário e se o grupo se sentir à vontade, fazer comentários relativos ao que os/as participantes falaram, destacando elementos considerados importantes. O/a animador/a pode motivar a conversa.

e) Escutar a música: “Olhos Coloridos” – Sandra de Sá.

f) Ler coletivamente o texto:

DOCUMENTÁRIO: O Atlântico negro

“Nos porões dos navios, além dos músculos iam ideias, sentimentos, tradições, mentalidades, hábitos alimentares, ritmos, canções, palavras, crenças religiosas, formas de ver a vida e o que é mais

incrível: o africano levava tudo isso dentro da sua alma, pois não lhe era permitido levar pertences.

A partir da década de 1970, começaram a ganhar força no Brasil, diversos movimentos sociais que lutam pela questão da cidadania e da identidade negra. A atuação de grupos diversos, que buscam alternativas para atuar frente às demandas sociais que englobam a luta por direitos políticos e civis, a luta contra o racismo e outras formas de discriminação e a luta pela valorização da cultura étnica, encontram-se todos no bojo das reivindicações de comunidades e organizações não-governamentais.

Tem se tornado frequente, tanto nos espaços midiáticos, como no âmbito acadêmico, discutir a questão da identidade negra no Brasil, com um enfoque de superação das marcas deixadas pelo processo de escravidão. Embora não se possa generalizar, muitas investidas, neste tema, parecem ter como premissa uma concepção multiculturalista, com tendência a centralizar as discussões em cima da possibilidade de formação, ou ainda, de construção de uma identidade plural como base para buscar uma afirmação da população negra. Essa vertente, frequentemente, deixa de lado a preocupação em interpretar as formações sócio-culturais que impregnam e promovem uma consciência coletiva presente na sociedade brasileira e que ainda colabora com os processos de marginalização do povo negro, através de discursos desqualificadores e práticas segregatórias e racistas, contribuindo para o fenômeno da exclusão social.

Discorrer sobre a questão de identidade negra no Brasil, assim como qualquer outra identidade, envolve perspectivar valores intrinsecamente ligados a conflitos sociais, e relacioná-la com conceitos como o de violência simbólica, cidadania e socialização, ou seja, estabelecer uma análise extremamente dinâmica, que permita ir além do sentimento militante de afirmação do negro como sujeito político ativo”.

g) Refletir, a partir da música “Olhos Coloridos” e do texto acima, quais outras questões queremos trazer para a discussão sobre o povo negro e a juventude, suas lutas, resistências e conquistas?

ILUMINAÇÃO BÍBLICA

Acolher a palavra com canto e muita dança. Sugestão: usar a música ou declamar: “Palavra, embala eu palavra, abraça eu palavra, cuida de mim” ou outra conhecida pelo grupo.

Texto bíblico: Gn 16, 1 – 15.

“Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos; mas tinha uma escrava egípcia chamada Agar. Então Sarai disse a Abrão: ‘Javé não me deixa ter filhos; una-se à minha escrava para ver se ela me dá filhos’, Abrão aceitou a proposta de Sarai. Dez anos depois que Abrão se estabeleceu na terra de Canaã, sua mulher Sarai tomou sua escrava, a egípcia Agar, e a entregou como mulher a seu marido e este se uniu a Agar, que ficou grávida. Agar perdeu o respeito por Sarai. Então Sarai disse a Abrão: ‘você é responsável por essa injustiça. Coloquei em seus braços minha escrava, e ela, vendo-se grávida não me respeita mais. Que Javé seja nosso Juíz’. Abrão disse a Sarai ‘Muito bem. Sua escrava está em suas mãos. Trate-a como você achar melhor’. Sarai maltratou de tal modo Agar, que ela fugiu de sua presença. O anjo de Javé encontrou Agar junto a uma fonte no deserto, a fonte que estava no caminho de Sur. E lhe disse: ‘Agar escrava de Sarai, de onde você vem e para onde vai?’ Agar respondeu ‘Estou fugindo de minha patroa Sarai’. O anjo de Javé disse: ‘volte para sua patroa e seja submissa a ela. E o anjo de Javé concluiu: “Você está grávida e vai dar à luz um filho e lhe dará o nome de Ismael, porque Javé ouviu sua aflição. Ele será potro selvagem, e estará contra todos e todos contra ele; viverá separado de seus irmãos’. Agar invocou o nome de Javé, que havia lhe falado, e disse: ‘Tu és o Deus-que-me-vê, pois eu vi Aquele-que-me-vê’. Por isso, esse poço chama-se ‘Poço daquele que vive e vê, e se encontra entre Cades e Barad’. Agar deu à luz um filho para Abrão, e Abrão deu o

nome de Ismael ao filho que Agar lhe dera. Abrão tinha oitenta e seis anos quando Agar deu a luz Ismael”.

Palavra do Senhor.

REFLEXÃO

A mulher negra na Bíblia é apresentada por Agar como alguém de muita importância e que faz parte dos projetos mais profundos de Deus. Agar sabe da sua condição de serva, mas não deixa que esse poder seja exercido de forma injusta e opressora. Ela é uma mulher temente a Deus, por isso não se acomoda diante da injustiça.

Na resistência e no enfretamento de Agar, se dá o encontro com Deus, “que vê”. Uma das poucas mulheres a falar diretamente com Deus é Agar. Uma mulher negra que vivia na condição submissa de escrava na tenda de Abrão e Sarai. Antes da promessa da descendência a Abrão, é Agar quem houve da boca do Anjo de Javé (que na literatura bíblica, quer dizer o próprio Deus na forma visível em que aparece aos seres humanos) a multiplicação da sua descendência.

A forma como Agar aparece caracterizada neste texto, não é muito diferente da forma como se caracteriza a mulher negra latino americana. Elas foram, e ainda são em nossos dias, as servas injustiçadas e que a todo tempo suas aflições são ouvidas por Deus, porque se Deus não estivesse a ouvir suas aflições, hoje, o povo negro já não existiria nessas terras.

Muitos são os desertos pelos quais as mulheres negras têm passado com seus filhos/as, mas o Deus que ouve e prevê tem-se feito presente de tal maneira que hoje a descendência das mulheres negras é grande e podemos ver a promessa se cumprir (Gn 21, 17 – 19). Deus tem aberto os olhos das mulheres para que possam encontrar novas formas de vida mesmo em meio aos desertos.

PARTILHE NO GRUPO SOBRE O QUE O TEXTO PROVOCA

Neste momento, cada participante pode dizer o que o texto bíblico e a reflexão provoca usando apenas uma palavra.

ASSUMINDO COMPROMISSO COM A VIDA

Conversar como podemos, a partir do lugar de atuação em que estamos inseridos/as, valorizar a população negra (saberes, cultura, jeito de estar no mundo, identidade, estética...). Reforçar suas conquistas, lutas e resistências.

CELEBRANDO A DIVERSIDADE

Convidar todos/as a cantarem o refrão:

“Quem traz no corpo essa marca, possui a estranha mania de ter fé na vida” (Milton Nascimento – Maria, Maria).

Nesta terra plena de Axé, ao falar sobre resistências, lutas e conquistas, faz-se necessário pedir licença às mães ancestrais, que com coragem, ternura e ousadia, driblaram a morte fazendo vencer a vida. Os tambores ressoam e nos lembram que somos herdeiras/os de uma tradição antigüíssima, mas que não pode ser esquecida. (Neste momento tocar os tambores e lembrar as mulheres negras que foram importantes para garantir vida ao povo, a cada três ou mais falas, retomar o refrão).

Concluir com a oração do Pai Nosso e com a música: “Os tambores de Palmares”, ou outra conhecida pelo grupo.

Os tambores de Palmares

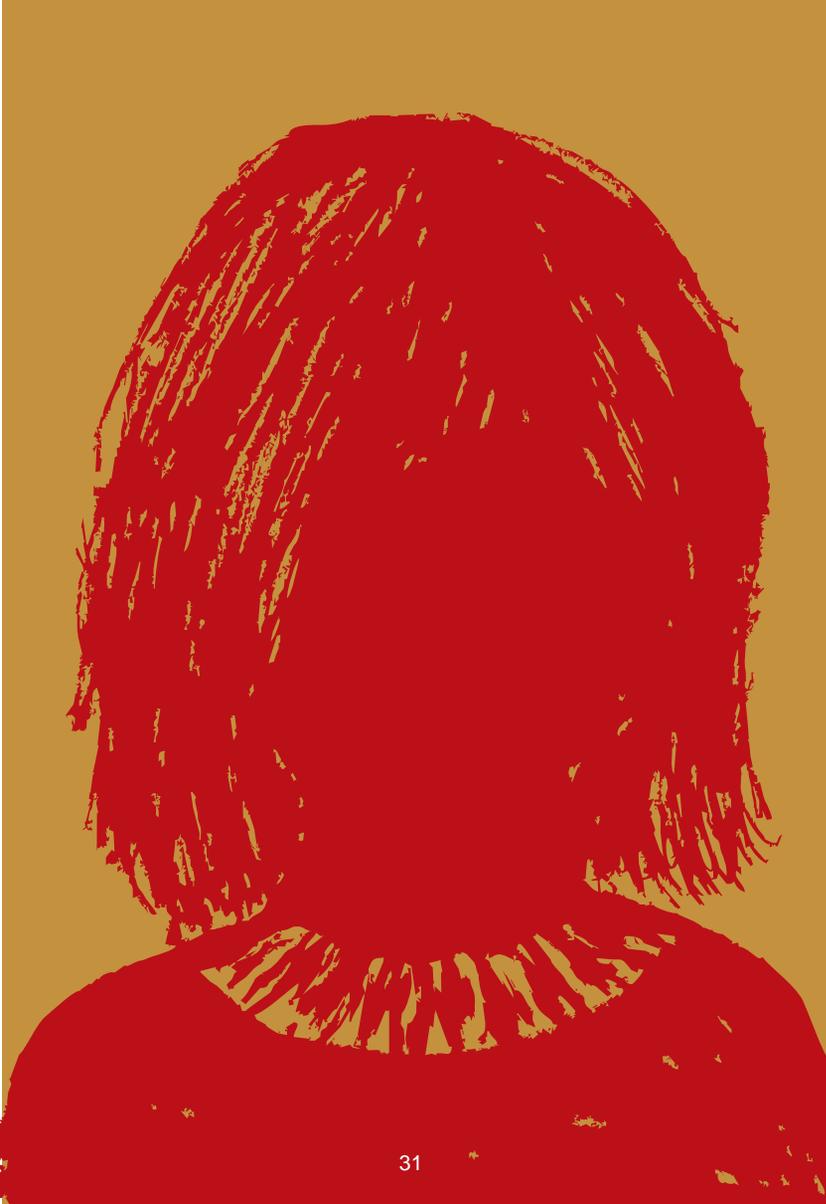
José Vicente

Os tambores dos negros de Palmares
Os tambores do povo de Zumbi (Bis)
Os clamores dos negros de Palmares
Os clamores do povo de Zumbi(Bis)

Coração da terra
Coração do céu
Coração da gente
Coração desse afro continente
Batucando no peito do Brasil
ÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔ

Um clamor da terra
Um clamor do céu
Um clamor da gente
Um clamor da memória comovente
Despertando a história do Brasil
ÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔ

Uma flor na terra
Uma flor no céu
Uma flor semente
Com as cores e axés da negra gente
Perfumando o futuro do Brasil
ÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔÔ



SEGUNDO ENCONTRO



JUVENTUDE INDÍGENA: RESISTIR NA DIVERSIDADE

OBJETIVO

Refletir sobre a condição de ser jovem indígena no Brasil, suas lutas, resistências e conquistas nos espaços vitais da sociedade.

MATERIAIS

Sementes, terra, aparelho de som, bíblia,

CD com as músicas:

Índios -Legião Urbana

Amor de Índio - Milton Nascimento.

AMBIENTAÇÃO

uma vasilha com terra, tecidos coloridos e bíblia no centro, ao lado o cartaz da Semana do/a Estudante. Objetos que lembrem a cultura indígena: banco de madeira, cocar, remo...

ACOLHIDA

Um/a jovem entrega sementes para os/as jovens que chegam e diz: “Queremos garantir o futuro do Brasil e dos povos indígenas”.

RELEMBRANDO A VIDA

Conversar sobre o primeiro encontro, que refletiu sobre a juventude negra, suas lutas e resistências.

Motivar os/as jovens para fazerem memória das lutas, das resistências e das conquistas da juventude negra.

Apresentar o objetivo deste encontro, o qual propõe uma conversa a partir dos desafios de ser jovem índio/a, particularmente, nas terras brasileiras. Falar sobre suas diversidades e resistências.

OLHANDO PARA REALIDADE

Vamos conversar sobre os/as jovens índios/as, sua diversidade cultural e situação social na garantia de seus direitos.

TÉCNICA/EXERCÍCIO

E eu com isso?

a) Cada pessoa recebe uma tira de papel para anotar uma ou duas ideias que ouviu sobre os/as jovens indígenas. (não é necessário se identificar).

b) Dobrar e colocar a tira em uma caixinha.

c) Ao som da música: Índios - Legião Urbana, passar a caixinha entre os presentes. De momento em momento, interromper a música e quem estiver com a caixinha na mão retira uma tira de papel de dentro da caixa, lê a frase e manifesta sua opinião sobre ela, respondendo a questão: E eu com isso?

d) Concluir reforçando as ideias conscientizadoras de respeito e envolvimento com a causa indígena e dos valores que com eles podemos aprender.

e) Ler coletivamente o trecho da Carta que foi enviada ao Conselho Nacional de Juventude e à Secretaria Nacional de Juventude do Governo Federal Brasileiro:

NOSSOS DESAFIOS, NOSSA REALIDADE, CULTURA E IDENTIDADE

“Os dias de hoje nos desafiam a refletir sobre a realidade dos povos brasileiros e, neste momento, em especial, dos povos indígenas e o tipo de projeto de desenvolvimento que se coloca para esses povos, em especial para sua juventude.

O Brasil conta com mais de 215 povos indígenas que habitam no país há milhares de anos, falantes de mais de 170 línguas diferentes. Nós, jovens indígenas, posicionamo-nos em defesa de um Brasil solidário, livre, justo e igualitário. Queremos chamar a atenção para milhares

de povos indígenas que sofrem, acampados em beira de estradas, outros presos, torturados e perseguidos. Muitos sem direito à saúde e educação, outros correndo o risco de perderem a terra por grandes obras, inclusive muitas destas relacionadas aos programas governamentais que não respeitam a tradição indígena. O assistencialismo de algumas ações de governo passa por uma ação que podemos chamar de agressão e imposição de costumes. Não apresenta políticas públicas de juventude de forma efetiva, que respeitem as diversidades culturais indígenas nas comunidades. Enquanto o governo brasileiro não apresenta soluções aos seus povos originários continua o aumento de problemas sociais, culturais, econômicos e ecológicos. É necessário também um mapeamento dos problemas relacionados ao segmento juvenil, buscando saber quais suas demandas, potencialidades e dificuldades.

No Brasil a população indígena é estimada em cerca de 800 mil pessoas, enquanto na época da “invasão”, éramos mais de 5 milhões. Estes povos vivem realidades sociais, étnicas e culturais distintas. Desde povos em situação de isolamento, até aqueles que habitam periferias de grandes cidades.

Do ponto de vista dos direitos dos jovens, nos interessa que os governos proponham e implementem uma política articulada de desenvolvimento socioeconômica, ambiental, político e cultural que possa assegurar o seu bem viver dentro da sua comunidade.

Nós, jovens indígenas do Brasil, estamos preocupados com esta situação e queremos somar forças para a minimização destes problemas. Portanto, pedimos ao Conselho Nacional de Juventude, às entidades que o compõem e à Secretaria Nacional de Juventude, apoio na condução de ações junto aos povos indígenas, no sentido de avaliar e propor diálogo entre o governo e a sociedade, nas soluções no âmbito das políticas públicas capazes de transformar a realidade das juventudes indígenas”.

Pensando no que o texto fala, vamos juntos dizer três vezes: Queremos garantir o futuro do Brasil e dos povos indígenas.

f) Cantar a música: Índios - Legião Urbana

Índios

Legião Urbana

Composição: Renato Russo

Quem me dera
Ao menos uma vez
Ter de volta todo o ouro
Que entreguei a quem
Conseguiu me convencer
Que era prova de amizade
Se alguém levasse embora
Até o que eu não tinha
Quem me dera
Ao menos uma vez
Esquecer que acreditei
Que era por brincadeira
Que se cortava sempre
Um pano-de-chão
De linho nobre e pura seda
Quem me dera
Ao menos uma vez
Explicar o que ninguém
Consegue entender
Que o que aconteceu
Ainda está por vir
E o futuro não é mais
Como era antigamente.
Quem me dera
Ao menos uma vez

Provar que quem tem mais
Do que precisa ter
Quase sempre se convence
Que não tem o bastante
Fala demais
Por não ter nada a dizer.
Quem me dera
Ao menos uma vez
Que o mais simples fosse visto
Como o mais importante
Mas nos deram espelhos
E vimos um mundo doente.
Quem me dera
Ao menos uma vez
Entender como um só Deus
Ao mesmo tempo é três
Esse mesmo Deus
Foi morto por vocês
Sua maldade, então
Deixaram Deus tão triste.
Eu quis o perigo
E até sangrei sozinho
Entenda!
Assim pude trazer
Você de volta pra mim

Quando descobri
Que é sempre só você
Que me entende
Do início ao fim.
E é só você que tem
A cura do meu vício
De insistir nessa saudade
Que eu sinto
De tudo que eu ainda não vi.
Quem me dera
Ao menos uma vez
Acreditar por um instante
Em tudo que existe
E acreditar
Que o mundo é perfeito
Que todas as pessoas
São felizes...
Quem me dera
Ao menos uma vez
Fazer com que o mundo
Saiba que seu nome
Está em tudo e mesmo assim
Ninguém lhe diz
Ao menos, obrigado.

ILUMINAÇÃO BÍBLICA

Acolher a Palavra de Deus com o refrão: “Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais” (Alceu Valença).

Texto Bíblico: Êxodo: 3,7-10

Javé disse: “Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e

Quem me dera
Ao menos uma vez
Como a mais bela tribo
Dos mais belos índios
Não ser atacado
Por ser inocente.
Eu quis o perigo
E até sangrei sozinho
Entenda!
Assim pude trazer
Você de volta pra mim
Quando descobri
Que é sempre só você
Que me entende
Do início ao fim.
E é só você que tem
A cura pro meu vício
De insistir nessa saudade
Que eu sinto
De tudo que eu ainda não vi.
Nos deram espelhos
E vimos um mundo doente
Tentei chorar e não consegui.

para fazê-lo subir desta terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel, o território dos cananeus, heteus, amorreus, fariseus, heveus e jebuseus. O clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e eu estou vendo a opressão com que os egípcios os atormentam. Por isso vou. Eu envio você ao Faraó, para tirar do Egito o meu povo, os filhos de Israel.”

Palavra do Senhor.

REFLEXÃO

Partilhar o que esta Palavra nos ilumina para um novo olhar sobre os/as jovens indígenas. Pensemos: quando Javé fala: “Eu envio você para tirar do Egito o meu povo...” Não é possível pensar sobre estas palavras relacionando-as às questões dos/as jovens indígenas que hoje ocorrem e que necessitam da nossa coragem para buscar ações que libertem também nossos/as irmãos/ãs índios/as? Quantas vezes Javé nos envia, mas nem sempre nos colocamos à disposição para caminhar?

ASSUMINDO COMPROMISSO COM A VIDA

Para aprofundar esta reflexão faça uma pesquisa sobre a vida da juventude indígena. Para isso, vá às bibliotecas, sítios, blogs, jornais, revistas e outros.

CELEBRANDO A DIVERSIDADE

Em duplas, colocar a semente na terra e repetir o mantra:

Queremos garantir o futuro do Brasil e dos povos indígenas.

Cantar a música “Amor de Índio”.

Amor de Índio

Milton Nascimento

Composição: Beto Guedes, Ronaldo Bastos

Tudo que move é sagrado
E remove as montanhas
Com todo cuidado, meu amor
Enquanto a chama arder
Todo dia te ver passar
Tudo viver ao teu lado
Com o arco da promessa
No azul pintado pra durar
Abelha fazendo mel
Vale o tempo que não voou
A estrela caiu do céu
O pedido que se pensou
O destino que se cumpriu
De sentir teu calor
E ser todo
Todo dia é de viver
Para ser o que for
E ser tudo
Sim, todo amor é sagrado
E o fruto do trabalho
É mais que sagrado, meu amor
A massa que faz o pão
Vale a luz do teu suor
Lembra que o sono é sagrado
E alimenta de horizontes
O tempo acordado de viver
No inverno te proteger
No verão sair pra pescar
No outono te conhecer
Primavera poder gostar

No estio me derreter
Pra na chuva dançar
E andar junto
O destino que se cumpriu
De sentir teu calor
E ser tudo

- Rezar juntos a oração:

“Morena de Guadalupe,
congrega todos os Índios e Índias
na estrela do teu olhar,
convoca os Povos da América
que querem ressuscitar.”

- Dançar ou proclamar

A terra é nossa mãe, devemos cuidar dela.
A terra é nossa mãe, devemos cuidar dela.
Unidos, minha gente somos um.
Unidas, minha gente somos um.
Seu solo é sagrado, sobre ele andamos.
Seu solo é sagrado, sobre ele andamos.
Unidos, minha gente somos um.
Unidas, minha gente somos um.



JUVENTUDE
NEGRA E INDÍGENA:
VOZES DE RESISTÊNCIA

OBJETIVO

Refletir sobre os direitos dos povos e jovens negras, negros e indígenas, a partir da valorização da diversidade cultural e a identidade na construção de ações afirmativas.

MATERIAIS

Cartaz da Semana do/a Estudante, tecido colorido, molde de camiseta em papel, pincéis atômicos, 1 kg de farinha de trigo, uma tocha ou vasilha com fogo, flores, prato com terra, bacia com água, cesto de frutas da região, varal com prendedores de roupa para pendurar os moldes de camiseta, som, apito, Bíblia. CD com a música Tubi Tupy - Lenine - (Composição: Lenine e Carlos Rennó), Kikiô - Almir Sater (Composição: Geraldo Espindola), caso não seja possível, declamar a letra das músicas.

AMBIENTAÇÃO

Colocar o varal ao lado do espaço em que vai estar o grupo. Fazer um círculo grande com a farinha de trigo. No centro, colocar o cartaz da Semana do/a Estudante, as vasilhas com terra, água, flores, frutos e o fogo.

ACOLHIDA

Um/a jovem negro/a ou indígena acolhe os participantes dando as boas vindas e depois que todos/as estiverem reunidos declama o texto:

A Divina Mãe nos abençoe e nos proteja.

Encha os nossos pés de dança e os nossos braços de força.

Cumule os nossos corações de ternura e nossos olhos de alegria.

Povoe os nossos ouvidos de música e nosso nariz de perfume.

Inunde nossa boca de júbilo e nossa alma de felicidade.

Conceda-nos sempre os dons do deserto: silêncio, confiança e água pura.

Inunda em nós energia, para dar um rosto novo à esperança.

A Divina Mãe nos abençoe!

TÉCNICA/EXERCÍCIO

Varal dos direitos

a) Motivação

Sabemos que a questão da desigualdade racial no Brasil ainda é um desafio a ser enfrentado. A juventude negra e indígena está entre os grupos mais prejudicados por conta da discriminação e falta de oportunidades, o que torna suas vidas mais precárias e inseguras.

Neste encontro vamos retomar estes debates e verificar as políticas necessárias para mudar esse quadro.

b) Organizar os/as participantes em dois grupos para as duas tarefas:

Conversar o que sabem e conhecem sobre a presença da juventude negra e indígena na escola, no bairro, na cidade ou na região onde moram, registrando as contribuições e desafios em tiras de papel.

Em seguida formar duplas e entregar um molde de camiseta para cada dupla, motivando para que a partir dos dois encontros anteriores as duplas escrevam quais direitos eles reconhecem necessários a serem implantados nas políticas públicas para a juventude negra e indígena no Brasil.

c) Cada grupo partilha o que conversaram e escreveram. Primeiro, as tiras com os saberes da comunidade e depois, as dos direitos.

d) Discutir o que essa conversa provocou de pensamentos e propostas.

e) Ouvir ou declamar a música: Tubi Tupy – Lenine

Tubi Tupy

Lenine

Composição: Lenine e Carlos Rennó

Eu sou feito de restos de estrelas
Como o corvo, o carvalho e o carvão
As sementes nasceram das cinzas
De uma delas depois da explosão
Sou o índio da estrela veloz e brilhante
O que é forte como o jabuti
O de antes de agora em diante
E o distante galáxias daqui
Canibal tropical, qual o pau
Que dá nome à nação, renasci
Natural, analógico e digital
Libertado astronauta tupi
Eu sou feito do resto de estrelas
Daquelas primeiras, depois da explosão,
Sou semente nascendo das cinzas
Sou o corvo, o carvalho, o carvão
O meu nome é Tupy
Gaykuru
Meu nome é Peri
De Ceci
Eu sou neto de Caramuru
Sou Galdino, Juruna e Raoni
E no Cosmos de onde eu vim
Com a imagem do caos
Me projeto futuro sem fim
Pelo espaço num tour sideral
Minhas roupas estampam em cores
A beleza do caos atual
As misérias e mil esplendores
Do planeta de Neanderthal

f) Motivar o grupo para ler o texto a seguir (onde for possível, fazer cópia ou organizar tiras para serem lidas por mais de uma pessoa).

O Conselho Nacional de Juventude, no ano de 2006, realizou um amplo debate sobre as políticas públicas necessárias para a juventude, que resultou no documento “Política Nacional de Juventude: Diretrizes e Perspectivas”. Neste documento, a juventude negra e indígena pontuou as seguintes políticas necessárias a serem implementadas:

- ◀ Políticas que garantam uma inserção mais positiva da população negra e indígena.
- ▶ Construir uma nova ideologia que vise à promoção de uma sociedade que não seja preconceituosa e discriminatória.
- ◀ Fomentar diagnósticos e pesquisas que possam dar visibilidade a esses sujeitos de direito com implantação de políticas mais qualificadas.
- ◀ Dar continuidade a ações afirmativas que promovam a distribuição de recursos sociais, como emprego, educação e moradia.
- ▶ Ampliar as políticas afirmativas para jovens negros, negras e indígenas para o reconhecimento social, cultural, econômico e político.
- ◀ Disseminar espaços que valorizem a produção étnico-racial, em especial, dos/as negros/as e indígenas, como centros de referências, museus, teatros, concursos e incentivo à pesquisa.

- ◀ Implementação de cotas nas universidades como medidas compensatórias que visam acelerar o processo de eliminação das desigualdades.
- ▶ Criar mecanismos de enfrentamento à discriminação racial e de geração, construindo modos de respeito à dignidade, à vida e aos direitos da juventude negra e indígena.
- ◀ Criar programas e projetos destinados, especificamente, à promoção dos direitos econômicos de modo a garantir renda e ocupação de postos de trabalhos.
- ◀ Desenvolver ações e atividades que visem aumentar a autoestima do jovem negro, negra e indígena.
- ▶ Demarcação, homologação, das terras indígenas, quilombolas e proteção ao patrimônio cultural e material, educacional...

g) Refletir, a partir da música Tubi Tupy e do texto acima, quais outras questões queremos trazer para complementar essa discussão sobre os direitos dos negros, negras e indígenas?

ILUMINAÇÃO BÍBLICA

Vamos ouvir as palavras de paz, do evangelho de Jesus Cristo segundo a comunidade de Mateus, capítulo 5, versículos de 1 a 12. (convidar um/a jovem para proclamar cada versículo, lendo duas vezes como uma forma de aprofundamento destas palavras.

“Vendo Ele as multidões, subiu à montanha. Ao sentar-se, aproximaram-se d’Ele seus discípulos. E pôs-se a falar e os ensinava, dizendo:

Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus.

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.
 Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.
 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.
 Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.
 Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.
 Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.
 Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino de Deus.
 Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós”.
 Palavra do Senhor.

Este texto muitas vezes é compreendido como um discurso conformista para deixar as coisas como estão, mas Jesus usa este sermão, a partir da situação que vivia o povo, para desacomodar. Hoje, olhando para a nossa realidade de jovens, e principalmente de jovens negros, negras e indígenas, estas palavras tornam-se um convite a adquirir força e resistência para a luta por transformação social, de sair do lugar da discriminação e do preconceito e buscar a promoção de políticas afirmativas para que todos os filhos e filhas de Deus tenham vida plena e abundante.

ASSUMINDO COMPROMISSO COM A VIDA

O que eu, minha escola e minha comunidade podemos fazer para construir um novo olhar sobre a juventude negra e indígena? Que gestos e atitudes podemos ter frente aos desafios que estas realidades impõem?

CELEBRANDO A DIVERSIDADE

No espaço onde os/as jovens estão reunidos/as, estender o tecido colorido, fazer com a farinha de trigo um círculo grande sobre este tecido, e no centro colocar flores e frutos. Tocar um apito e ir chamando cada participante pelo nome. Estes antes de adentrarem no círculo dizem:

“Senhor meu Deus, pai e mãe de nossas vidas e da natureza, me dê sua licença para adentrar neste solo sagrado”.

Quem estiver animando este momento pega cada objeto (citado a seguir) e também convida o grupo para tocar e repetir juntos a frase motivadora:

Terra – Terra sagrada, nossa mãe, nos proteja e nos acolha.

Água – Fonte de vida e sabedoria, nos alimente e nos dê sabedoria.

Fogo - Luz da esperança, nos aponte caminhos.

Frutos – Alimentem o nosso corpo e nos deem vitalidade.

Flores – Perfumes e cores, nos abençoe e nos façam ternos.

Terminar ouvido ou lendo a música Kikiô

Kikiô

Almir Sater

Composição: Geraldo Espíndola

Kikiô nasceu no centro

Entre montanhas e o mar

Kikiô viu tudo lindo

Todo índio por aqui

Índia América deu filhos

Foi Tupi foi Guarani

Kikiô morreu feliz deixando

a terra para os dois

Guarani foi pro sul

Tupi pro norte

E formaram suas tribos

cada um em seu lugar

Veza quando se encontravam

Pelos rios da América

E lutavam juntos contra o

branco em busca de servidão

E sofreram tantas dores, acudados no sertão

Tupi entrou no Amazonas

Guarani ainda chama...

Kikiô na lua cheia quer Tupi,

quer Guarani....

Concluir este encontro rezando de mãos dadas a oração do Pai-Nosso.





CELEBRAÇÃO ECUMÊNICA



DOS TAMBORES
E CIRANDAS À
LUTA PELA VIDA

ANTES

Depois de vivenciar todas as reflexões, encontros e atividades da Semana do Estudante, é momento de convidar a comunidade local ou a unidade educativa para celebrar juntos.

CHEGADA

Para acolher os/as participantes e enquanto eles/as estiverem chegando, dançar cirandas e fazer brincadeiras de roda. Abraçar e beijar cada um/uma dizendo: bem vindos/as ameríndianegra/o, tornando este momento alegre e festivo.

ABERTURA

Uma pessoa vestida com roupas coloridas, tocando um tambor, diz:

“Os tambores da vida e da memória nos convidam a celebrar. Os tambores da resistência e da liberdade nos convidam a lutar. Os tambores da profecia e do sonho nos convidam a acreditar que outro mundo é possível”.

- Outra pessoa, tocando um pau de chuva diz:

“O som da terra desperta nosso coração para ritualizar a vida. O som da terra desperta nossas mãos para o cuidado com o planeta, nossa casa comum. O som da terra está em nós, no nosso corpo que é a terra”.

Quem estiver animando inicia cantando ou declamando este refrão da Campanha da Fraternidade de 2002, que tratou da questão indígena:

Quando os pés o chão tocarem para a dança começar,
Quando as mãos se entrelaçarem vida nova há de brotar.
Toma ó Pai, o amor perfeito, pelo rio, a mata, a flor,
Que seu povo traz no peito, é louvor ao Criador!
Uma só será a mesa, Terra-mãe será o altar,
O sustento, a natureza, em milagres vai nos dar!

RECORDAÇÃO DA VIDA

Os tambores e cirandas nos convocam a celebrar com arte, beleza e mistério, a luta pela vida. Aprendemos das comunidades indígenas e negras a valorizar a memória como algo sagrado, essencial para nossa experiência de fé e de luta. Por isso, nesse momento, vamos reverenciar a memória, trazendo no corpo, os sonhos, desejos, paixões e alegrias que tivemos durante as atividades da Semana do/a Estudante.

SALMO 124

Na tradição Cristã o povo de Deus tinha nos salmos uma forma de agradecer, suplicar e louvar a Deus. O salmo de hoje é nosso diálogo com estes mesmo Deus que nos enquanto povo negro e indígena.

Se o Senhor não estivesse a favor da nossa gente
Diga o povo de Israel... Diga o povo de Israel!

Se Olorum não estivesse a favor da negra gente
Diga o povo de Zumbi... Diga o povo de Zumbi!

Se Deus-Mãe não estivesse a favor de nós mulheres,
Diga gente oprimida... Diga gente oprimida!

Olorum, bendito sejas, porque nunca permitistes
Que esses cães nos devorassem... Que esses cães nos devorassem!

Ó Tupã, bendito sejas, porque feito um passarinho
Escapamos dos seus laços... Escapamos dos seus laços!

Ó Deus-Mãe, bendita seja, em teu nome o nosso auxílio,
Céus e terra tu criaste... Céus e terra tu criaste!

Ó Senhor, bendito sejas, Olorum, Tupã, Deus-Mãe!
Deus conosco para sempre... Deus conosco para sempre!

LEITURA BÍBLICA

Neste momento cantar e dançar, com muita alegria, acolhendo a Palavra de Deus.

Ver um canto de aclamação conhecido pelo grupo e, em seguida, um jovem e uma jovem proclamam o texto de Marcos 6, 39 – 49

“Então Jesus mandou que todos se sentassem na grama verde, formando grupos. E todos se sentaram, formando grupos de cem e de cinquenta pessoas. Depois Jesus pegou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos para o céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e ia dando aos discípulos, para que os distribuíssem. Dividiu entre todos também os dois peixes. Todos comeram, ficaram satisfeitos, e recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e também dos peixes. O número dos que comeram era de cinco mil homens.”

Palavra do Senhor.

PARTILHA

Em quais aspectos esse texto se relaciona com as comunidades negras e indígenas?

Qual a Boa Nova de Jesus para estes povos nos dias de hoje?

MESA DA PARTILHA

Várias/os jovens entram dançando com peneiras de alimentos (próprios da cultura negra e indígena), enquanto todos/as cantam:

Quem disse que não somos nada,
Que não temos nada para oferecer
Repare em nossas mãos abertas trazendo as ofertas do nosso viver...

- O Senhor nosso Deus, Olorum, Tupã, esteja com vocês!

- Ele está no meio de nós!

É muito bom! Que alegria louvar a ti Deus de tantos nomes e lugares. Viemos trazidos da África, terra onde teu filho, o Deus menino se escondeu da perseguição dos poderosos. Estamos nesta terra desde que o Santo Espírito por aqui soprou seu sopro gerador de vida. Somos teu povo santo, em profunda comunhão com a Mãe Terra, num continente marcado pela dor e pela esperança.

Bendito seja teu santo nome, por estes alimentos que foram fecundados na terra e trabalhados por nossas mãos, pelas mãos de nossos irmãos e irmãs, pelas mãos de nossos pais e mães. Que ao partilharmos estes frutos, possamos reafirmar nosso compromisso com a construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária. Por teu filho amado, Cristo-Índio, Cristo-Negro, nossa Páscoa, Páscoa para o mundo. Amém!

PARTILHA DOS ALIMENTOS

Recordar o sentido sagrado dos alimentos para as comunidades negras e para os povos indígenas. Cantar músicas que tenham sido utilizadas nos encontros anteriores.

(a celebração se encerra com a partilha dos alimentos, vale lembrar que para as “religiões” indígenas e negras, a celebração se estende para a vida cotidiana, por isso não há bênção, ela é parte da vida.)



DICAS,
MATERIAS DE ORIENTAÇÃO
REFERÊNCIAS



LIVROS E PUBLICAÇÕES:

Jornal Porantim e Revista Mensageiro - trazem notícias, fotografias e artigos relacionados à vida e luta dos povos indígenas. www.cimi.org.br

Povos Indígenas no Brasil - de Beto Ricardo - faz um levantamento, de 1996 a 2000, da realidade indígena em nosso país. Traz ilustrações, gráficos, mapas, fotos e tabelas. Contém 12 relatos sobre a origem do universo e o encontro com o branco, segundo diferentes povos indígenas. www.socioambiental.org

O Casamento entre o Céu e a Terra - de Leonardo Boff. Traz contos dos povos indígenas, mostra a contribuição destes povos na nossa cultura: linguagem, nomes de cidades, rios e montanhas; culinária, costumes, religiosidade e a forma de compreender a natureza. Editora Salamandra. www.salamandra.com.br

Contos indígenas brasileiros - de Daniel Munduruku . Os oito contos selecionados pelo autor têm a intenção de retratar, através de seus mitos, a caminhada de alguns de nossos povos indígenas do norte ao sul do país - Guarani, Karajá, Munduruku, Tukano, entre outros. Oferece às crianças de 9 a 12 anos uma rica visão de nossa herança cultural. www.globaleditora.com.br

Relatório: A Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil - a publicação mostra que a situação destes povos continua muito difícil, com o índice de violência aumentado devido à falta de regularização de suas áreas. www.cimi.org.br

Estatuto da Igualdade Racial

http://www.cedine.rj.gov.br/legisla/federais/Estatuto_da_Igualdade_Racial_Novo.pdf

Lei de cotas na universidade

Lei de obrigatoriedade do ensino de história da África e das populações negras no Brasil – Lei nº 10.639/03

Documentos do CIMI

www.cimi.org.br

Secretaria de Promoção da Igualdade Racial

www.portaldaigualdade.gov.br

Secretaria Nacional de Direitos Humanos

<http://www.direitoshumanos.gov.br>

Secretária Nacional da Juventude

<http://www.juventude.gov.br>

Sites sobre a cultura, história e realidade e luta indígena

www.cimi.org.br

www.socioambiental.org

www.museudoindio.org.br

www.videonasaldeias.org.br

FILMES E VÍDEOS

Conhecer o outro lado da história, contada por quem dela foi excluído é um dos objetivos dos vídeos e filmes sugeridos.

Povos Indígenas, direito à diferença - vídeo de 28 min., produzido pelo Jornal Mundo Jovem e Instituto de Pastoral de Juventude (RS). Fala sobre os direitos que têm os povos indígenas de viver do seu modo, com a dignidade e justiça que lhes foi negada.

Povos Indígenas no Brasil: 500 anos de resistência – vídeo de 24 min., de autoria do Cimi. É uma releitura da história oficial, recuperando temas omitidos e heróis silenciados.

Pedidos pelo e-mail: adm.porantim@cimi.org.br

Vídeos da TV Indígena – Disponibiliza diversos vídeos com o objetivo de estimular o debate das questões indígenas no Brasil. www.tvindigena.ning.com

Vídeo nas Aldeias – Um projeto de produção audiovisual que surgiu para apoiar o movimento indígena e ajudar na preservação da cultura e da identidade destes povos.

www.videonasaldeias.org.br

Tainá – uma aventura na Amazônia – (2000) – Tainá é uma índia de oito anos, órfã que vive com o avô em um recanto na Amazônia. Com ele aprende lendas e histórias de seu povo. Convivendo em harmonia com a floresta e os animais, ensina o cuidado e a preservação. Duração: 90 min. Classificação livre.

Terra Vermelha – (2008) - No Mato Grosso do Sul, a comunidade indígena Guarani-Kaiowá luta para retomar suas terras ocupadas por fazendeiros. A perda das origens e do universo sagrado seduz os jovens ao suicídio. Direção de Marcos Bechis. Duração de 108 min. Classificação: 14 anos.

A preciosa – (2010) Claireece Preciosa Jones sofre privações inimagináveis em sua juventude. Abusada pela mãe, violentada por seu pai, ela cresce pobre, irritada, analfabeta, gorda, sem amor e geralmente passa despercebida. A melhor maneira de saber sobre ela são suas próprias falas: “Às vezes eu desejo que não estivesse viva. Mas eu não sei como morrer. Não há nenhum botão para desligar”.

Falcão-Meninos do Tráfico - É um documentário produzido pelo rapper MV Bill, pelo seu empresário Celso Athayde e pelo centro de audiovisual da Central Única das Favelas que retrata a vida jovens de favelas brasileiras que trabalham no tráfico de drogas. A produção independente se tornou popular principalmente por sua transmissão no programa semanal da TV Globo Fantástico, um dos mais famosos no Brasil.

Vista a minha pele - divertida paródia da realidade brasileira. Serve de material básico para discussão sobre racismo e preconceito em sala de aula.

Kiruku e a Feiticeira - Kiriku nasce em uma aldeia que vive sob a tirania da feiticeira Karabá. Para saber como libertar seu povo da maldade de Karabá ele vai até a Montanha Sagrada, onde vive o Sábio da Aldeia e seu avô. Neste percurso, ele vai enfrentar muitos perigos e, também, fazer novos amigos.

ANEXOS



REIVINDICAÇÕES INDÍGENAS

São nossas reivindicações e propostas:

A demarcação, homologação e registro de todos os territórios indígenas no país.

A implementação de serviços de saúde dignos com a continuidade da implantação dos Distritos Especiais de Saúde Indígena.

A implementação de serviços de educação indígena diferenciada e de qualidade; que haja respeito, por parte da sociedade nacional, aos nossos costumes e tradições.

Aprovação, pelo Congresso Nacional, de um Estatuto dos Povos Indígenas coerente com os nossos direitos constitucionais e com os nossos direitos históricos e a garantia de espaços políticos no Poder Público e nas políticas públicas para a participação indígena a partir das nossas organizações de base, sem preconceito, sem discriminação e com respeito às nossas diferenças culturais.

São Paulo, 29 de novembro de 2001.

Manoel Malarranin Acherê Karajá, Joel Braz Pataxó, Pedro da Silva Guarani, Sílvia Amajunepa Umutina, Dionito de Souza Macuxi

DOCUMENTO DA COMISSÃO INDÍGENA PÓS CONFERÊNCIA NO 2º FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

É motivo de alegria e esperança para nós indígenas do Brasil participarmos deste segundo Fórum Social Mundial. Estarão aqui reunidos nesses dias povos indígenas de várias partes do planeta, unidos a todos aqueles que não querem continuar vendo esse mundo

cada vez mais marcado pela dominação, exclusão social, pela intolerância, pelas guerras, pela destruição da natureza, pela violência e ameaça de extinção de centenas de povos indígenas.

Apesar de termos sido submetidos a um processo contínuo de violência e extermínio, estamos vivos e com grande disposição de contribuir na construção de um Brasil e um mundo novo, diferente, com paz, igualdade e justiça. De mais de seis milhões, há 500 anos, estamos reduzidos a aproximadamente 550 mil pessoas, pertencentes a 235 povos, falando 180 línguas diferentes. Ocupamos 741 terras, na maioria ainda invadidas ou não demarcadas. Infelizmente o governo brasileiro sequer reconhece mais de uma centena dessas terras e pouco faz para que possamos viver em paz, com dignidade e autonomia em nossos territórios. Ao invés de reconhecer nossos territórios tradicionais conforme manda a Constituição, estão comprando pequenos pedaços de terra para o nosso povo. Consideramos isso uma armadilha, uma desconsideração dos nossos direitos.

Continuamos sofrendo nas mãos de invasores que roubam nossas riquezas, abusam de nossas mulheres, desprezam nossas culturas e destroem a natureza. Somos desrespeitados em nossos direitos e decisão em nossas terras. Continuam decidindo e agindo como se fôssemos incapazes, tutelados. Impõem projetos, implantam obras, tomam decisões sem nos consultar e respeitar nossa vontade, cultura e sabedoria. Estamos lutando para mudar isso, e precisamos da ajuda dos povos e pessoas de boa vontade do mundo todo. Estamos retomando as terras donde fomos expulsos, reconstruindo nossas vidas e identidade enquanto povo.

Apesar de todas as violências que sofremos e omissão do governo, nossa população está crescendo, pois acreditamos que, como sobrevivemos nestes 500 anos, com certeza vamos vencer e construir um futuro melhor para nossos povos, neste "outros 500". E

para termos melhores condições de traçar os nossos rumos, vamos realizar um censo para saber quantos somos hoje, e em que condições estão nossas terras, e nossas condições de vida. Será um censo coordenado pelo movimento indígena, que estaremos realizando.

Esperamos que neste 2º Fórum Social Mundial possamos estreitar nossa amizade e união com muitos povos indígenas do mundo e pessoas e organizações que estarão aqui no Brasil para dizer, mostrar e lutar por um novo mundo possível. Vamos sair fortalecidos em nossa vontade e decisão de garantir os nossos direitos, especialmente à terra e as riquezas nelas existentes, nossas culturas, sabedoria e formas de nos organizar e viver.

Brasília, 28 de janeiro de 2002.

Dionito Makuxí, Piná Tembé, Simião Wapixana, Joel Pataxó, Lurdes Tapajós, Luiz Titiá Pataxó Hã-Hã-Hãe

Pastorais da Juventude do Brasil (PJs)

Pastorais da Juventude é o espaço de união, partilha e caminhada conjunta das PJs, sendo essas Pastorais a Pastoral da Juventude Estudantil (PJE), Pastoral da Juventude (PJ), Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) e Pastoral da Juventude Rural (PJR). Elas organizam os/as jovens como igreja a partir de sua realidade.

Tem como missão organizar a ação pastoral a partir e junto da juventude, jovem evangelizando jovem, reafirmando a opção profética e transformadora pelos/as empobrecidos/as colocando-se a serviço de uma nova sociedade, a sonhada Civilização do Amor.

Pastoral da Juventude Estudantil (PJE)

A PJE é a ação organizada dos jovens cristãos estudantes em seu meio específico. Comprometida com uma educação libertadora, assume a escola, o bairro, os organismos estudantis e educacionais, a família e a Igreja como campo de atuação. Tem por opção o trabalho com a juventude empobrecida e a Escola Pública.

Os/as estudantes têm na PJE uma forma de se organizar para protagonizar a história, vivenciando um processo de formação integral que os leva a construir a escola que sonham, aprendendo a viver em comunidade e fazer política estudantil a partir dos valores de Jesus Cristo. Historicamente a PJE tem contribuído concretamente para mobilização e organização da juventude estudantil brasileira, fazendo do mundo e da educação instrumentos para a construção da nova sociedade, prenúncio do Reino de Deus.

Por assumirmos esse jeito de ser igreja na escola como princípio, missão e sonho, construiremos juntos das Pastorais e da Juventude o “Outro mundo possível”.



ENDEREÇOS DE CONTATO - SECRETARIAS NACIONAIS DAS PASTORAIS DA JUVENTUDE

Pastoral da Juventude (PJ)

Francisco Antonio Crisóstomo de Oliveira - Thiesco
Folha 12, quadra 03, lote 04 - Nova Marabá
CEP: 68510-110 - Marabá - PA
contato@pj.org.br
www.pj.org.br

Pastoral da Juventude Estudantil (PJE)

Monique Cavalcante Benevent
Av. Conde da Boa Vista, 921 – Boa Vista
CEP 50060-002 - Recife /PE
secretaria@pjebr.org
www.pjebr.org

Pastoral da Juventude do Meio Popular

Eric Sousa Moura
Rua 21 Quadra 159 N° 279 Amazonino Mendes
CEP: 69099-090, Manaus/AM
pjmpnacional@gmail.com
www.pjmp.org

Pastoral da Juventude Rural

Josiel Ferreira
Rua Dr. Acácio Figueredo, 14/203 – Monte Santo
CEP: 58400-800 - Campina Grande/PB
pjr.comunicacao@gmail.com

Setor Juventude da CNBB

Comissão Episcopal para Juventude
juventude@cnbb.org.br
Jovens Conectados
www.jovensconectados.org.br

ENDEREÇOS DE CONTATO - REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE JUVENTUDE

Casa da Juventude Pe. Burnier - CAJU

11ª Avenida, 953 - Cx. Postal 944 - Setor Universitário.
CEP: 74605-060 - Goiânia/GO.
Fone: (62) 4009-0339 - Fax: (62) 4009-0315
caju@casadajuventude.org.br
www.casadajuventude.org.br
Skype: carmem.caju ou secretaria.caju

Centro de Capacitação da Juventude - CCJ

Rua Bispo Eugênio Demazenod, 463-A - V. Alpina
CEP: 03206-040 - São Paulo/SP
Fone/fax: (11) 2917-1425
ccj@ccj.org.br
www.ccj.org.br

Centro de Juventude dos Jesuítas - Anchietanum

Rua Apinajés, 2033 - Sumarezinho
CEP: 01258-001 - São Paulo/SP
Fone: (11) 3862-0342
comunicacao@anchietanum.com.br
www.anchietanum.com.br

Centro Marista de Juventude - Belo Horizonte

Rua Aymoré, 2480, 2º andar - Bairro de Lourdes
CEP: 30140-072 - Belo Horizonte/MG
Fone: (31) 2129-9090
cmjhb@marista.edu.br
www.cmjhb.com.br

Centro Marista de Juventude – Montes Claros

Rua Padre Champagnat, 81 – Roxo verde
CEP: 39.400-367 – Montes Claros/MG
Fone: (38) 3223-6621
cmpmoc@marista.edu.br

Centro Marista de Juventude - Natal

Rua José de Alencar, 809, Cidade Alta
CEP:59025-140 - Natal/RN
Fones: (84) 221-2298/ 4009-5035/ 8882-2250
cmj.natal@marista.edu.br
www.cmjnatal.com.br
Skype: jamesfms2008

Centro Marista de Juventude - Palmas

504 Sul Al 05, Alameda 9, Lote 07/09
CEP: 77.021-668 - Palmas/TO
Fone: (63) 3214-5878 / 8117-0394
cmppalmas@marista.edu.br

Centro Popular de Formação da Juventude - Vida e Juventude

SDS Ed. Miguel Badya, Bl. L, nº 30, Salas 217/219. Brasília/DF
Fone/fax: (61) 3323-1954/3224-4717
E-mail: vidaejuventude@gmail.com
www.vidaejuventude.org.br

Instituto de Formação Juvenil do Maranhão

Praça Gonçalves Dias, 288 - Centro.
CEP: 65060-240 - São Luís/MA
Fone: (98) 3221-1841
ifjuvenil_ma@yahoo.com.br

Instituto de Juventude Contemporânea

Rua Castro e Silva, 121 Ed. Oriente sala 400 e 401 - Centro
CEP: 60030-010 - Fortaleza/CE
Fone: (85) 3247-7089
ijc@ijc.org.br
www.ijc.org.br

Instituto de Pastoral de Juventude Leste 2

Rua São Paulo, 818, 12º andar - sala 1203
CEP: 30170-131 - Belo Horizonte/MG
Fone: (31) 2515-5756 - Fax: (31) 2515-5453
ipjlesteii@yahoo.com.br
www.ipjleste2.org.br

Instituto Paulista da Juventude

Rua Antônio Cariá, 17 – 1º Andar -Guaianases
CEP: 08450-010– São Paulo / SP
Fone: (11) 9826-8213/ 8176-5707
institutopaulistadejuventude@yahoo.com.br
www.ipejota.org.br

Trilha Cidadã

Rua Rio Paraguaçu, 220, Arroio da Manteiga
CEP: 93145-580 – São Leopoldo/RS
Fone/fax: (51) 3568-7451
trilhacitada@yahoo.com.br
www.trilhacitada.org.br

